

As Representações do Trabalho Feminino no Mundo de Claudia – Os Afazeres Domésticos x Atividade Profissional (1961-1985).

Maria Paula Costa¹

Resumo: Este artigo pretende discutir como a Revista Claudia trabalhou com a temática do trabalho feminino, entre 1961 e 1985 abordando questões que incidiram sobre os valores vividos e resolvidos no âmbito familiar, social e cultural.

Palavras-chave: Trabalho feminino - Família - Representações.

Abstract: This article intends to argue as the Revista Claudia worked with the thematic of the feminine work, between 1961 and 1985 approaching questions that had happened on the values lived and decided in the familiar scope, social and cultural.

Keywords: Feminine work - Family - Representations

A temática do trabalho feminino sempre esteve presente nas páginas da revista Claudia, pois suas leitoras deveriam estar preparadas para cuidar da casa, do marido e dos filhos. Desde o início o periódico ressaltou a importância de ensinar e fornecer para as mulheres informações que facilitassem seu cotidiano familiar, através de dicas de decoração, receitas, moda para o marido ou para os filhos e trabalhos manuais.

Já o trabalho feminino fora do lar foi sendo discutido e legitimado de forma lenta e gradual, sem abalar os valores da sociedade de classe média, que muitas vezes via tal questão de forma problemática e questionava como ficaria a estrutura familiar, se a mulher se ausentasse. No entanto a dinâmica social levou essa mulher a buscar sua realização no trabalho fora do lar, e o periódico ressaltou e incentivou, à sua maneira, a mulher a organizar sua vida.

Como afirmaram Sarti e Moraes:

Desde o momento em que a procura de um trabalho remunerado tornou-se uma condição de sobrevivência para mulheres de camadas sociais até então capazes de se manterem através do exclusivo sustento financeiro fornecido pelo homem (o marido), a questão do trabalho passou a ser introduzida nas revistas femininas. (SARTI & MORAES, 1980: 47-48)

Assim pretendemos mostrar como nas décadas de 60, 70 e 80 o trabalho foi apresentado pelas páginas de Claudia e modificou o discurso da revista no que tange ao comportamento feminino e às relações familiares.

¹ Doutoranda em História pela Unesp de Assis e Bolsista Fapesp.

Na década de 60 a temática do trabalho feminino estava, quase toda, restrita ao âmbito doméstico e o trabalho fora do lar representava um problema secundário para as leitoras de Claudia, pois estas não estavam dispostas a saírem para trabalhar nem precisavam reforçar o orçamento doméstico.

No entanto podemos perceber que, já no final dos anos 60, a revista incorpora o assunto na seção “A Mulher Moderna” de Marina Colasanti, num artigo cujo título era “Uma vida maior” defendendo a idéia de que a mulher casada deveria trabalhar fora, pois muitas se escondiam atrás dos filhos e da comodidade que o marido dava a elas. Ressaltava também o preconceito existente com o trabalho feminino fora do lar:

A verdade é que, por conforto e sobretudo por ignorância existem ainda no Brasil preconceitos contra a mulher que trabalha – especialmente a mãe que trabalha – enquanto nenhum preconceito se ergue contra a suave posição parasitária de quem não produz.”

“Tôda vez que, levada por meus entusiasmos, defendo em conversas a posição da mulher individualizada por um trabalho extradoméstico, vozes se levantam em tom de quase defesa, contestando o trabalho, “inimigo do lar e da paz doméstica, mania de emancipação que afasta a mulher de seus deveres””.

“As que protestam são, por estranha coincidência, as que não trabalham.” [...] [...]

“E a verdade é que a maioria não gosta. Nas conversas em que mulheres reunidas falam do assunto básico de sua vida – babás, crianças, empregadas -, o tom é sempre lamuriento, há uma murmuração de martírio geral, de holocausto no altar familiar. Entusiasmo nunca!” [...]

“Realmente, é pouco gratificante tirar um pó que sempre volta, varrer onde todos pisam, preparar refeições que somem em poucos minutos, pôr a mesa e tirá-la vêzes sem conta, na realização de um “trabalho que não aparece””.

“Então, por que aferrar-se com tanta fôrça a algo que não satisfaz? Porque não satisfaz, mas garante. Porque tomar parte numa engrenagem social nos torna automaticamente responsáveis por ela, conscientes e, como tais, sujeitos a conflitos mais amplos. Porque produzir é uma forma maior de estar vivo – e estar vivo, às vezes, dói. (REVISTA CLAUDIA, setembro 1968: 28)

A partir desse artigo, várias leitoras enviaram cartas sobre o assunto, umas defendendo e outras criticando o trabalho fora do lar. Em dezembro do mesmo ano, e na mesma seção, Colasanti tentou explicar sua posição, já que muitas críticas chegaram à redação de Claudia:

Ao falar em trabalho extradoméstico, não estamos necessariamente nos referindo a horários integrais, nem fora de casa. O trabalho pode ser em horários reduzidos e inclusive desenvolvido no lar. Importante é que seja um trabalho apto a alimentar a personalidade da mulher, a fazê-la sentir-se importante na coletividade, como indivíduo, por um trabalho, êste sim, reconhecido. (REVISTA CLAUDIA, dezembro 1968: 24)

A discussão se estendeu por alguns números da revista com leitoras que defendiam fielmente que o lugar da mulher era no lar, cuidando da educação dos filhos e da

organização familiar. As queixas se voltaram até mesmo para as empregadas domésticas, que não tinham capacidade de cuidar das crianças, segundo algumas leitoras.

Fica evidente que trabalhar fora de casa ainda era um assunto delicado para boa parcela das mulheres que liam a revista, assim o assunto foi tratado com muita cautela. As seções tinham como princípio aconselhar as mulheres a não abandonarem sua função no lar, pois esta vinha em primeiro plano. A representação da mãe que cuida dos filhos em tempo integral, pelo menos quando pequenos, aparece muito articulada a idéias de necessidade da família. Era necessário que a mãe cuidasse de seus filhos enquanto crianças. Por isso a revista aconselhava a mulher a esperar um pouco mais, até que os filhos crescessem, no entanto estimulava a leitora que esta fosse aproveitando o tempo no lar para estudar, já que distanciar-se da casa e dos filhos, ainda crianças, não era possível.

O estímulo a produzir algo para si, a sair do ócio articulava-se à independência financeira aparecendo como um dos caminhos para a mulher procurar trabalho fora do lar, assim a revista Claudia publicou no final dos anos 60 uma publicidade de uma empresa de crédito, financiamento e investimento:

Fivap –Crédito, Financiamento e Investimentos

A Fivap é um símbolo da emancipação feminina: ela provou que obter bons rendimentos não é exclusividade dos homens. Se o homem pode ganhar aplicando dinheiro a mulher também pode. Afinal, os direitos são iguais para todos. Na Fivap a porta dos lucros está aberta para as mulheres inteligentes que querem multiplicar suas economias. A Fivap criou um atendimento especial para a mulher. Basta telefonar e solicitar a visita de uma representante da Fivap ou, se preferir, venha conversar conosco. (REVISTA CLAUDIA, junho 1969: 190)

O discurso da emancipação feminina começa a fazer parte das páginas de Claudia, estimulando a mulher a ter sua independência, afirmando porém que ela deve conciliar suas responsabilidades conjugais e maternas sem prejuízo para sua vida familiar. Trabalhar fora sim, ter seu dinheiro sim, mas sem quebrar com seus valores, essa era a tônica da revista nesse momento. Pois, como afirmou Mello e Novaes:

O ideal de felicidade individual já havia penetrado profundamente, provavelmente mais na mentalidade da mulher do que na do homem. O desejo de trabalhar, de independência financeira, convivia, da classe média para cima, com o ideal da “rainha do lar”; um certo inconformismo diante do comportamento sexual dos maridos dados a aventuras caminhava lado a lado com a resignação diante da natureza do homem. (MELLO & NOVAES, 1998:612)

Na década de 70 o trabalho feminino fora e dentro do lar foi mais focalizado nas páginas de Claudia, no entanto as polêmicas foram evitadas pela revista, que procurou discutir

a temática no sentido de ajudar, colaborar com sua leitora na escolha de um trabalho fora de casa, ao mesmo tempo em que ressaltou a importância do trabalho da dona de casa.

A tônica era conciliar as tarefas, otimizar o tempo e orientar a mulher em profissões ditas pela revista como femininas. Em fevereiro de 1970 a revista publicou que o número de mulheres que trabalhavam fora estava aumentando no Brasil, cerca de vinte por cento das brasileiras desempenhavam uma atividade profissional. Assim Claudia apresentou um roteiro de como começar a procurar um emprego e apontou as dificuldades que a leitora poderia encontrar. Vejamos:

Nós pensamos exatamente nisso e corremos as agências de trabalho, os cursos de formação profissional e aperfeiçoamento, conversamos com gente que entende do assunto em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Brasília, sempre com uma preocupação: ajudá-la a encontrar uma ocupação. É mais. Contar a verdade sobre o mercado de trabalho e suas chances de sucesso. Mostramos as dificuldades, mas também como superá-las.”p.3[...]

“Esteja consciente de uma coisa: ser profissional e dona de casa ao mesmo tempo é uma tarefa delicada. O trabalho, o contato com outras pessoas, a certeza de ser útil são maravilhosos. Mas sua casa deve estar muito bem organizada. Ou, então, você não conseguirá levar o trabalho adiante.”p.3 [...]

*[...] “Uma coisa é certa: há grande necessidade de mão-de-obra feminina. Ouvimos isso em todos os lugares: **precisam de você**.”(REVISTA CLAUDIA, fevereiro 1970: 3)*

A saída da mulher para o mercado de trabalho foi aceito com a condição de elas não abandonarem seus lares, e uma das alternativas propostas pelo periódico era de conciliar as horas vagas de cuidados com a casa e com os filhos exercendo uma profissão que a dona de casa dominasse.

O trabalho apareceu como uma extensão das atividades desempenhadas no lar. Não fazia parte do discurso de Claudia que suas leitoras assumissem cargos superiores nem invadissem ocupações ditas como masculinas. O incentivo a uma atividade profissional não propunha nenhuma revolução nem possuía o tom que muitas feministas reivindicavam: de direitos iguais.

Em agosto de 1972, Claudia publicou “Uma nova seção para mulheres que querem trabalhar - Você quer trabalhar?”. Vejamos a tônica deste artigo:

Existem horas, no seu dia, em que você se sente como se nada mais tivesse a fazer, a não ser esperar que os filhos voltem do colégio e o marido, do trabalho? É a hora de reagir, de evitar que o tédio destrua a sua satisfação por já ter cumprido todos os seus deveres de dona de casa. É hora de fazer alguma coisa mais. Anuncie em Claudia, oferecendo-se para trabalhar no que você gosta – desde tricô até tradução de livros – e você poderá sentir-se útil e solicitada.”

“Você precisa de ajuda?”

“Aqueles trabalhos que você começou simplesmente para não ficar parada em casa obtiveram uma aceitação inesperada entre os seus amigos, e agora os amigos dos amigos e mesmo desconhecidos já chegam com encomendas. Como não deixá-los em falta, como dar conta de tanto sucesso? Anuncie em Claudia, pedindo ajuda. Sempre haverá alguém com tempo disponível e que entenda do assunto – seja cozinha, ou costura, ou contabilidade – e que poderá trabalhar ao seu lado.”

“Um anúncio pode resolver seu problema”

“Claudia oferece-se para publicar, inteiramente de graça, pequenos anúncios de leitoras que desejam se dedicar a algum trabalho, ou solicitar auxiliares para negócios que já estavam desenvolvendo, Nesta nova seção de trabalhos classificados, você poderá encontrar a solução para preencher o seu tempo, conciliando os afazeres domésticos com uma atividade que desperte o seu interesse. (REVISTA CLAUDIA, agosto 1972: 58-60)

Assim vemos ressaltada a idéia de conciliar *os afazeres domésticos com uma atividade que desperte o seu interesse*. Nesse sentido os trabalhos que passavam a ser anunciados na nova seção eram: acompanhante, governanta, baby citter, costureira, manicure, esteticista, secretária, datilógrafa, redatora, recepcionista, professora particular, assistente social.

No decorrer da década de 70 alguns artigos foram publicados pela revista mostrando algumas profissões que a leitora poderia assumir utilizando o conhecimento que tinha como dona de casa: “A difícil escolha de uma profissão” (agosto de 1975); “Economia doméstica – que tal ser dona de casa com diploma e tudo”. (março de 1976); “Nutrição e Dietética agora você pode usar o que aprendeu na cozinha.” (maio de 1976); “Você pode fazer da cozinha um bom negócio.” (maio de 1979).

A revista também se preocupou em mostrar para suas leitoras como era importante a função de dona de casa e o quanto ela economizava desempenhando atividades que, se somadas, custariam caro para o marido. Concluíram o artigo ressaltando que a esposa podia até não ganhar, mas economizava com certeza. Vejamos:

Quanto você ganharia, na sua profissão de dona de casa, se recebesse um salário? Qual a economia dêsse seu trabalho, no orçamento da casa? Ou seja, quanto economiza para seu marido? Veja aqui o resultado surpreendente dessa pesquisa.”

“Pois é. Você é uma dona de casa. Quando termina o trabalho, no fim do dia, e se olha no espelho, vê um rosto cansado do que deveria ter, a pele descuidada, os cabelos sem brilho. Você fica triste, sente-se desvalorizada.”

“Nada disso! Seu trabalho tem um valor enorme – em média, você trabalha quinze horas por dia. Bem que merece algum tempo para cuidar de sua beleza.”

““Mas não dá. Eu sou uma dona de casa, trabalho o dia inteiro, não sobra um minuto. Depois, fica muito caro.””

“Pois é. Você é uma dona de casa, a mulher que trabalha o dia inteiro, e, quando quer alguma coisa, é tão pouco! Será que o seu herói-marido sabe que, no fundo, no fundo você é um verdadeiro tesouro?”

““Ué... ele vai dizer que eu não trabalho, não trago dinheiro para casa, sou apenas uma dona de casa.””

*“Aí que está. Você não **ganha**. Mas sabe quanto **economiza**? Vamos provar, na base da continha, que você é um grande negócio. Primeiro, veja o que você faz,*

todos os dias, se não tem empregada. E, se tem, não esqueça o seu trabalho de supervisionar a organização doméstica, para que tudo ande nos eixos.(REVISTA CLAUDIA, julho 1971: 75)

O artigo ainda trazia o valor de cada atividade realizada pela dona de casa e depois o quanto ela gastaria se cuidasse da sua beleza em um salão. Conclui que, mesmo gastando consigo, a dona de casa ainda estaria economizando para o marido, bastaria então organizar-se para que sobrasse tempo vago para ela.

A organização do tempo também recebeu destaque em Claudia, ressaltando as várias atividades da dona de casa e fornecendo dicas e truques para a leitora ganhar tempo e conseguir cumprir todas suas obrigações de esposa e mãe. Como afirmou Moraes:

Uma mulher que não se ocupe da casa – não importa qual seja a importância do trabalho que exerce “fora do lar” – está sob suspeição, é a culpada de um crime. Pois ser mulher, na concepção tradicionalista de revista do gênero Claudia, é ser, antes de mais nada, dona-de-casa perfeita. Assim, se a mulher quiser garantir sua independência econômica pelo trabalho remunerado, tudo bem, desde que também cuide da casa.(MORAES, 1979:72-73)

Assim uma atenção especial foi dada para as mulheres que viram no mercado de trabalho um novo lugar de atuação. No entanto, no final dos anos 70, algumas cartas, alguns artigos já deixavam claras as dificuldades encontradas por essa mulher, seja com o marido (no relacionamento), seja com os filhos (a angústia de deixá-los sob os cuidados de outras).

Em maio de 78, Claudia publicou uma carta de uma leitora que pedia ajuda jurídica à seção “Aqui, sobre Lei e Direito”, pois ela trabalhava fora e não recebia nenhuma ajuda do marido para cuidar da casa, portanto gostaria de saber sobre os direitos legais da mulher no casamento nas condições dela, de esposa e profissional.

Os impasses vividos pela mulher que saiu para o mercado de trabalho começaram a tomar corpo nas páginas coloridas da revista Claudia, já que estava se consolidando a famosa conciliação das atividades de esposa, dona de casa e profissional. Entramos nos anos de 1980.

Em 1980 o mundo do trabalho extra-doméstico já estava legitimado para Claudia. As leitoras escreviam sobre as dificuldades de realização no trabalho, psicólogas davam orientações profissionais, pois a entrada da mulher no universo profissional abalou valores, gerou preconceitos e idéias que foram problemáticas para as mulheres.

A tônica da revista continuou sendo estimular as mulheres a exercerem profissões em que era possível conciliar a profissão com a vida familiar, assim as sugestões e os

depoimentos de leitoras indicavam quais profissões serviriam para o universo feminino: secretária, professora, ginasta, dançarina, fonoaudióloga, entre outras.

Em 1981 a revista criou uma seção, “Mulher e Trabalho”, procurando mostrar um levantamento de várias atividades que a mulher poderia desempenhar, assim como fornecer conselhos práticos de alimentação, maquiagem, idéias para fazer o tempo render sem se esquecer de algo vital, as tarefas domésticas.

Em 1985 as mulheres constituíam 37,3% da população brasileira urbana economicamente ativa e a revista mantinha a prática do discurso da conciliação, de jornadas de trabalhos flexíveis e do papel que a mulher deveria desempenhar como mãe, esposa, dona de casa dedicada e perfeita e profissional bem sucedida.

O trabalho feminino dentro do lar já estava legitimado pela sociedade e constituía o grande papel da mulher, e Claudia desde o início se propôs a ajudar sua leitora nessa tarefa.

A saída para o mercado de trabalho foi tratada pela revista de forma muito cuidadosa, pois, como pudemos perceber na década de 60, muitas leitoras não viam com bons olhos tal prática, por acreditarem que isso alteraria a estrutura familiar.

Nos anos 70 e 80 a revista evitou polêmicas e legitimou o trabalho fora do lar, ao mesmo tempo em que procurou ressaltar a importância da mulher na organização do lar, com o discurso da conciliação dos afazeres domésticos com a atividade profissional.

Um fator que deve ser considerado é que a década de 1970 foi marcada por um período de dificuldades econômicas, o que conduziu muitas mulheres a procurarem nas atividades profissionais um reforço para o orçamento doméstico.

Enfim apreender como a revista tratou a saída da mulher para o mercado de trabalho indica questões que incidem sobre os valores vividos e resolvidos no âmbito familiar, social e cultural.

Referência Bibliográfica

- MELLO, João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. In: NOVAIS, Fernando A.(coord), SCHWARCZ, Lilia. Moritz. (org. vol). **História da Vida Privada no Brasil**. v. 4 São Paulo: Companhia das Letras, 1998.Pp.612.
- MORAES, Maria Quartim de. *A “nova” moral sexual das revistas femininas*. In: Mantega, Guido (coord.). **Sexo e Poder**. São Paulo: Brasiliense, 1979. Pp.72-73.
- SARTI, Cynthia & MORAES, Maria Quartim de. *Aí a porca torce o rabo*. In: BRUSCHINI, Maria Cristina A. & ROSEMBERG, Fúlvia. (orgs). **Vivência: História, Sexualidade e**

Imagens Femininas. São Paulo: Brasiliense, 1980. Pp. 47-48.